

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS  
CURSO DE JORNALISMO**

**DANIELA LOPES**

**AS LUTAS DO FEMINISMO**

**SÃO PAULO**

**2º SEMESTRE 2018**

**DANIELA LOPES**

**AS LUTAS DO FEMINISMO**

Relatório Final do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Sr. Prof. Ms. Vanderlei Dias de Souza.

**SÃO PAULO**

**2º SEMESTRE 2018**

**ESTE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO NÃO REFLETE A OPINIÃO DA UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. SEU CONTEÚDO E ABORDAGEM SÃO DE TOTAL RESPONSABILIDADE DE SEU AUTOR.**

**Link para Produto Audiovisual:** <https://youtu.be/Ydf65J8bDhY>

Enviado para o YouTube em 22 de novembro de 2018.

## RESUMO

O movimento que luta contra os efeitos do machismo na sociedade e busca a equidade de gênero para mulheres, levando em conta sua classe social e sua cor, é o feminismo. Este Trabalho de Conclusão de Curso, por meio do jornalismo audiovisual e de uma abordagem humanizada, tem por objetivo dar visibilidade às causas que visam a garantia e o reconhecimento dos direitos das mulheres, numa sociedade que ainda carrega os estereótipos de gênero e sofre com o machismo estrutural. Entre as pautas feministas mais urgentes no século XXI, estão a legalização do aborto com o direito de escolha da mulher, a busca pelos mesmos espaços, oportunidades e reconhecimento no mercado de trabalho; o combate à violência doméstica e às demais violências que as mulheres enfrentam; o fim da cultura do estupro e o fim dos assédios, seja qual for. Para dar visibilidade à essas causas, este documentário traz manifestos de mulheres que defendem as causas feministas, suas perspectivas pessoais e profissionais por meio de entrevistas, e depoimentos de mulheres que ocupam espaços e funções diversas na sociedade. O conteúdo foi abordado da maneira mais clara para que qualquer pessoa possa ter acesso e conhecer mais o feminismo. Além de dar visibilidade ao feminismo, este documentário mostra a violência que as mulheres sofrem em todos os âmbitos da vida e busca estimular a reflexão sobre o cenário em que vivemos; apesar de ter leis que amparam as mulheres e da nossa evolução como sociedade, as políticas públicas e iniciativas sociais existentes não são suficientes para diminuir as estatísticas envolvendo violência sexual e feminicídio. Então este trabalho tem o objetivo maior de conscientizar o telespectador para todas as questões que cessam os direitos das mulheres e como o feminismo é capaz de resgatar esses direitos.

**Palavras-chave:** Feminismo; gênero; feminista; mulher; jornalismo; documentário.

## **ABSTRACT**

The movement that fights against the effects of chauvinism in society and seeks gender equity for women, taking into account their social class and color, is feminism. This Course Conclusion Work, through audiovisual journalism and a humanized approach, aims to give visibility to the causes that guarantee and recognize the rights of women, in a society that still carries gender stereotypes and suffers with the structural machismo. Among the most urgent feminist agenda in the 21st century are the legalization of abortion with women's right to choose, the search for the same spaces, opportunities and recognition in the labor market; the fight against domestic violence and other violence that women face; the end of the culture of rape and the end of harassment, whatever. To give visibility to these causes, this documentary brings women's manifestoes advocating feminist causes, their personal and professional perspectives through interviews, and testimonials of women occupying diverse spaces and roles in society. The content has been addressed in the clearest way so anyone can access and know more about feminism. In addition to giving visibility to feminism, this documentary shows the violence that women suffer in all areas of life and seeks to stimulate reflection on the scenario in which we live; despite having laws that protect women and our evolution as a society, public policies and existing social initiatives are not enough to reduce statistics involving sexual violence and femicide. So this work has the greater goal of making the viewer aware of all issues that end the rights of women and how feminism is capable of rescuing those rights.

**Keywords:** Feminism; gender; feminist; woman; journalism; documentary.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	12
2.1. O que é feminismo .....	14
2.2. A importância do feminismo .....	16
2.3. As vertentes do feminismo .....	16
2.4. Documentário .....	19
<b>3. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA</b> .....	21
3.1. Projeto .....	21
3.2. Entrevistas .....	22
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	25
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	26
<b>6. APÊNDICES</b> .....	29
6.1 Autorizações para Uso de Imagem e Voz .....	30

## INTRODUÇÃO

O feminismo<sup>1</sup> é um movimento social que surgiu na Revolução Francesa (1789), por meio do lema, “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, onde camponeses e a parte mais pobre da população lutava contra uma monarquia absolutista. “A história do feminismo começa a ter marcos mais claros de resistências nas vésperas da Revolução Francesa e com a independência dos Estados Unidos”. (PEREIRA; THOMÉ, 2018, p. 40).

Na época não havia a discussão de gênero que temos hoje, mas ideais revolucionários passaram a existir ali. “Não se pode ignorar, contudo, que a Revolução Francesa ajudou às mulheres na expansão dos seus direitos civis, que eram também limitados” (Pereira e Thomé, 2018, p. 42). Por conta de argumentos religiosos e biológicos, as mulheres eram, na verdade, considerados seres inferiores, como diz Chimamanda Adichie (2012, p. 21).

Os seres humanos viviam num mundo onde a força física era o atributo mais importante para a sobrevivência; quanto mais forte a pessoa, mais chances ela tinha de liderar. E os homens, de maneira geral, são fisicamente mais fortes.

Argumentos pautados na Bíblia Sagrada, como Hildete Pereira e Débora Thomé (2018, p. 38) dizem em “a determinação bíblica estabeleceu – e não deixa, de forma, fazê-lo até hoje – que o lugar das mulheres fosse limitado e circunscrito às vontades masculinas”, foi um dos fatores que contribuiu para a desigualdade de gênero, onde a mulher era fisicamente mais fraca, portanto deveria ficar em casa cuidando de afazeres domésticos e das crianças enquanto os homens iam caçar e lutar em batalhas.

As mulheres foram privadas de diversos direitos aos quais os homens tinham acesso. Enquanto os homens sempre dominaram a sociedade, as mulheres não podiam votar, estudar, trabalhar fora de casa e se divorciar. O patriarcado estava enraizado na estrutura da sociedade.

---

<sup>1</sup> Feminismo é o movimento que busca a igualdade de condições entre homens e mulheres na sociedade patriarcal, onde o poder se concentra nas mãos de homens e as mulheres sofrem opressão.



Privadas de espaços públicos, elas se viram confinadas em suas casas, responsáveis pelos cuidados de maridos, filhos, familiares. Ainda que pudessem ser bastante produtivas, eram mantidas escondidas atrás de cadeados, manicômios, prisões, ou mesmo pseudônimos, já que muitas não podiam expressar de forma contundente suas ideias e opiniões. (PEREIRA; THOMÉ, 2018, p. 11)

Além da liberdade individual, o feminismo passou a buscar os direitos políticos das mulheres.

Na Inglaterra, Mary Wollstonecraft, uma intelectual libertária, que lutava contra a escravidão e muito à frente de seu tempo, escreveu *A Reivindicação dos Direitos da Mulher*, um documento marco do feminismo e que criticava a Constituição Francesa. (PEREIRA; THOMÉ, 2018, p. 46).

O movimento passou por mais um hiato e ganhou forças na década de 60, quando as mulheres entenderam que, não só não tinham a mesma liberdade que os homens, mas eram oprimidas e nunca pudessem sair dessa condição inferior. Contra tudo isso, nasceu o feminismo contemporâneo, que busca não apenas o fim da opressão dos homens sobre as mulheres, mas também luta pelo mesmo tratamento na sociedade, o que, mesmo após a conquista de tantos direitos, não acontece.

A guerra dos sexos, achávamos nós, era uma relíquia da geração de nossas mães – uma guerra já vencida há tempos. E, apesar disso, todas nós, em todas as nossas áreas e cargos, estávamos tropeçando em obstáculos de gênero a torto e a direito. (BENNETT, 2016, p. 18).

Muitas pessoas pensam que o feminismo busca a supremacia das mulheres sobre os homens, mas na realidade o que o feminismo propõe é a igualdade entre os gêneros, que nem um ou o outro precise se diminuir para conviver, como diz o artigo “Feminismo para leigos” da escritora feminista Clara Averbuck, no site da revista *Carta Capital*<sup>2</sup>:

As pessoas são "contra" o feminismo sem sequer saber o que significa. [...] Feminismo não prega ódio, feminismo não prega a dominação das mulheres sobre os homens. Feminismo clama por igualdade, pelo fim da dominação de um gênero

sobre outro. Feminismo não é o contrário de machismo. Machismo é um sistema de dominação. Feminismo é uma luta por direitos iguais.

Sabemos, de acordo com Roger Scruton (1986, p. 156), que:

A condição do homem (sic) exige que o indivíduo, embora exista e aja como ser autônomo, faça isso somente porque ele pode primeiramente identificar a si mesmo como algo mais amplo – como membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de algum arranjo, ao qual ele pode até não dar um nome, mas que ele reconhece instintivamente como o seu lar. (apud Hall, 2005, p. 48).

Ou seja, o ser humano em si tende a buscar por um grupo que possa reforçar sua identidade e a noção de pertencimento, formando uma comunidade que compartilha dos mesmos valores. Por conta desta “classificação” entre as pessoas, até mesmo o movimento feminista acabou se dividindo em vertentes diferentes de acordo com o que cada mulher se identificava mais, ou à classe a qual pertencia. Os tipos de feminismo conhecidos atualmente são: o feminismo negro, o feminismo liberal, o radical e o interseccional, que é chamado também de feminismo contemporâneo. A pergunta-problema do trabalho é: Como o jornalismo (documentário) pode dar visibilidade às causas sociais pelas quais o feminismo luta?

O produto do trabalho de conclusão de curso é um documentário em estilo reflexivo, que valoriza a subjetividade das vivências dos personagens, preservando a abordagem jornalística, com apuração sobre aspectos teóricos, leis e dados reais. O documentário pretende mostrar – por meio do depoimento de mulheres atuantes no movimento feminista – as principais pautas do feminismo no Brasil hoje, que consistem no direito ao aborto, no combate à violência doméstica, na busca pelas mesmas oportunidades de emprego, fim da cultura do estupro e do assédio.

Foram feitas entrevistas com mulheres que são militantes, ativistas e defensoras do movimento feminista, que estudam sobre o feminismo, com vítimas que sofreram algum tipo de violência, seja ela física, psicológica ou sexual, e com procuradores\* da República que atuam em processos em prol da garantia dos direitos das mulheres.

O objetivo principal do documentário é dar visibilidade às lutas do feminismo que mais são discutidas atualmente e valorizar o empoderamento da mulher<sup>3</sup>.

Além disso, é mostrar as dificuldades pelas quais as mulheres passam no Brasil, um país onde a taxa de feminicídio<sup>4</sup> é de 4,8 para cada 100 mil mulheres, segundo a Organização Mundial da Saúde<sup>5</sup>. Além disso, o Atlas da Violência do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) divulgado em 2018 com dados referentes ao ano de 2016<sup>6</sup>, constatou que 1.388 pessoas são estupradas todos os dias, o que totaliza mais 500 mil por ano, pois estima-se que apenas 10% dos crimes sejam denunciados, por conta da subnotificação. Ou seja, uma pessoa é vítima de violência sexual por minuto e 90% desse total mulheres.

A escolha do documentário como produto jornalístico para o TCC se deve ao fato de ser uma forma de produto mais atraente para transmitir uma mensagem, principalmente por ser sobre um tema que tem cunho social que provoca a reflexão das pessoas. O audiovisual se encaixa muito bem para essa finalidade, pois ao invés de um depoimento escrito por exemplo, é a pessoa que está ali, falando com sua própria voz, usando suas próprias palavras. É uma representação daquele personagem mais próxima da realidade.

O tema é sobre feminismo por ser um assunto que tem uma grande relevância social e está em evidência nos últimos anos por meio de diversas discussões na sociedade a respeito da estrutura social e cultural que desvaloriza a mulher. Em artigo publicado no site da revista Galileu sobre a cultura do estupro, é dito:

O termo foi cunhado na década de 70 por feministas americanas e, de acordo com o Centro das Mulheres da Universidade Marshall, nos Estados Unidos, é utilizado para descrever um ambiente no qual o

---

<sup>3</sup> Empoderamento da mulher são medidas que promovem o fortalecimento das mulheres para alcançar a igualdade de gênero na sociedade.

<sup>4</sup> Feminicídio é o nome recente que se dá ao crime que mata mulheres. Geralmente são cometidos por parceiro próximos à vítima.

<sup>5</sup> Taxa de crimes que matam mulheres em estatística da OMS.

<sup>6</sup> Todo ano o Ipea divulga dados de violência no Atlas da Violência referente aos dados do ano anterior, incluindo a quantidade de estupros notificados.

estupro é predominante e no qual a violência sexual contra as mulheres é normalizada na mídia e na cultura popular. (Site revista Galileu, 2016).

A intenção é dar visibilidade a um tema com impacto na sociedade e mostrar as principais pautas do feminismo, assim como as dificuldades enfrentadas pelas mulheres e a luta que o movimento feminista enfrenta para sobreviver enquanto a cultura do estupro – em que a violência contra a mulher e sua sexualização na mídia é “normalizada” por argumentos machistas – enfraquece o discurso feminista.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1. O que é feminismo**

Partindo da introdução do tema, o feminismo é um movimento social que busca a igualdade política e social entre os gêneros masculino e feminino que passou a existir a partir dos desdobramentos da divisão da sociedade por conta do sexo. As mulheres desde cedo são criadas baseadas numa sociedade patriarcal, de forma que “às mulheres era atribuída a pecha de instigarem as emoções e os desejos masculinos, contra os desígnios de Deus” (MELO, THOMÉ, 2018. p. 39).

Por conta dessa condição, os homens se tornaram inevitavelmente os que saíam para caçar, os que lutavam e os que protegiam os demais, incluindo crianças e mulheres. Havia também a ideia de que a mulher, por ser a única a ter útero, mesmo que naquela época não houvesse um conhecimento claro disso, tinha o dever de procriar e, portanto, não deveria deixar de ter filhos para se expor em guerras e enfrentar possíveis inimigos ou condições que as colocassem em situações fatais, pois assim não poderiam gerar a prole ou, mais futuramente, sucessores.

Em todo caso, por mais robustas que fossem as mulheres, na luta contra o mundo hostil as servidões da reprodução representavam para elas um terrível handicap: conta-se que as amazonas mutilavam os seios, o que significava que, pelo menos durante sua vida guerreira, recusavam a maternidade. (BEAUVOIR, 1949, p. 96).

Nessa construção social, o que foi designado à mulher, por consequência, foi o papel de cuidar das crias e das tarefas domésticas. Juntamente com isso, a Igreja, instituição que acompanha a humanidade desde o seu início, com milênios de existência, disseminou no mundo que a mulher é um ser inferior ao homem.

As religiões monoteístas fizeram dessa desigualdade parte importante do seu dogma e de sua formação estrutural. É a mulher que está sempre subjugada nos livros sagrados, como o Corão e a Bíblia. (MELO; THOMÉ, 2018, p. 38)

Esses fatores foram decisivos para que se construísse a visão submissa sobre a mulher e o seu papel reduzido em sociedade que passou a fazer sentido para os homens desde então.

Durante a história, esses princípios prevaleceram e mantiveram a mulher sem voz, de forma que não se tenha muitos relatos até hoje de como as mulheres viviam realmente há séculos e milênios atrás, pois o ponto de vista das mulheres no fim das contas retratado por homens. “Silêncio no sentido da falta de discursos autênticos e da assimetria sexual, já que esses discursos eram produzidos por homens.” (PERROT, 2007, p. 190).

Por conta disso, houve mulheres feministas que não aceitaram a opressão em partes do mundo, mas que não foram reconhecidas porque seus discursos foram apagados da história. “[...] as mulheres foram escondidas no decorrer da história até o ponto de não mais aparecerem seus esforços [...]” (PEREIRA; THOMÉ, 2018, p. 38).

Toda essa hierarquia dos homens sobre as mulheres, embasada em características biológicas e religiosas, fez com que as mulheres não tivessem não apenas os mesmos direitos como seres humanos, mas como participação política e ativa no contexto social, com o desenvolvimento da civilização. Apesar da luta pelos direitos das mulheres ter ganhado mais potência nessa época, elas continuaram predominantemente reclusas ao ambiente doméstico. “Camponesas e artesãs não se tornaram, do dia para a noite, revolucionárias ativas.” [...] Não se pode ignorar, contudo, que a Revolução Francesa ajudou às mulheres na expansão dos seus direitos civis, que eram também limitados. (MELO; THOMÉ, 2018, pág. 42).

## 2.2. A importância do feminismo

A sociedade estava avançando e se desenvolvendo, mas as mulheres não podiam votar, não podiam estudar, não podiam trabalhar fora de casa, não podiam se separar, não podiam interagir com outras pessoas fora da sociedade e existir na sociedade como os homens podiam. Por muito tempo as mulheres conviveram com isso, pois não era fácil acabar com uma estrutura social tão profunda baseada no patriarcado. O feminismo era um movimento que se quer tinha nome. Começou a criar raiz na Inglaterra, pela busca dos direitos políticos das mulheres.

O feminismo busca não apenas o fim da opressão dos homens sobre as mulheres, mas também luta pelo mesmo tratamento na sociedade, o que, mesmo após a conquista de tantos direitos, não acontece.

A guerra dos sexos, achávamos nós, era uma relíquia da geração de nossas mães – uma guerra já vencida há tempos. E, apesar disso, todas nós, em todas as nossas áreas e cargos, estávamos tropeçando em obstáculos de gênero a torto e a direito. (BENETT, 2016, p. 18).

O feminismo do Brasil tem ganhado força, principalmente pelo país se tratar de um dos principais em que mais ocorre violência contra a mulher. Mesmo tendo a terceira lei – a Lei Maria da Penha<sup>7</sup> – mais efetiva do mundo considerada pela ONU, ficando atrás apenas da Espanha e do Chile o Brasil ainda tem muito para combater, pois as estatísticas mostram que o país ainda é um local perigoso para as mulheres viverem. De acordo com pesquisa realizada pelo Datafolha, em 2014 47.643 mulheres foram estupradas, sendo em média uma a cada 11 minutos. Além disso, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a taxa de feminicídio, que é o homicídio contra o gênero feminino, para a mulher brasileira é 4,8 mil em cada 100 mil mulheres.

As principais reivindicações do feminismo contemporâneo são a descriminalização do aborto, o fim da violência de gênero, a busca pelo mesmo espaço e reconhecimento no mercado de trabalho, quebra dos padrões de beleza, o fim do assédio e, sobretudo, a liberdade de escolha livre de preconceitos ou tabus sexistas, que limitam o que uma mulher pode ou não fazer. Recentemente o conceito de misoginia se tornou bastante

utilizado pelas pessoas, principalmente na internet, para elucidar o nível que o machismo pode alcançar nas suas ponderações. A misoginia nada mais é do que o ódio gratuito ao gênero feminino e está presente na nossa história brasileira desde o descobrimento.

[...] Portugal, o império que conquistou a Terra Brasilis, e que, como os demais Estados europeus, tinha como marca misoginia. [...] Portugal só teve duas rainhas: As Marias I e II, no final dos séculos XVIII e XIX; todas as anteriores foram rainhas consortes. No âmbito da sociedade portuguesa e nas colônias, as mulheres permaneceram analfabetas. (MELO; THOMÉ, 2018, p. 54).

Em decorrência do desenvolvimento da sociedade e das lutas por todo esse tempo, as mulheres conquistaram muitos direitos, como o direito ao divórcio, por exemplo: “Em 1914, o casamento passou a ser visto como um contrato civil, passível de dissolução” (MELO; THOMÉ, 2018, p. 48), mas ainda hoje, apesar do machismo ser mais sutil, ainda está presente na vida das mulheres. O feminismo na sua faceta atual possui nomenclaturas que são a representação dessa sutileza do machismo que permeiam as relações sociais, principalmente no trabalho.

Estudos mostram que o Manterrupter é uma realidade: os homens falam mais do que as mulheres em reuniões de trabalho, interrompem com mais frequência, e as mulheres têm duas vezes mais chances de terem a fala interrompida (BENETT, 2016, p. 43).

Outro conceito é “Bropropriation” que Benett (2016, p. 47) explica:

Pode-se dizer que o nosso continente está baseado em uma certa bropropriation: um homem branco (Colombo) e sua tripulação (outros homens brancos) roubando o crédito por descobrir um Novo Mundo que não era verdadeiramente novo (e nem deles). Já no escritório o Bropropriator se apropria do crédito pelo trabalho de outra pessoa. [...] No que diz respeito às mulheres, a bropropriation é um fato comprovado: mulheres têm a menor chance de ter suas ideias atribuídas a elas. O Machocrata te trata como secretária, mesmo quando é evidente que você não é uma. (BENETT, 2016, p. 51)

“O Mansplainer sabe mais do que você [...] Sua fala é tipicamente partenalista ou condescendente, muitas vezes imprecisa, e desprovida de qualquer sutileza – mas invariavelmente é enunciada como se fosse o Evangelho.” (BENETT, 2016, p 55).

Todos esses novos conceitos servem para mostrar que, como já dito, apesar de mais sutis do que antes, o machismo continua presente a ponto de ser perceptível nos ambientes de trabalho, nas relações pessoais e na construção da nossa sociedade, assim como diz Melo e Thomé (2018, p. 153):

O conceito de gênero como referência analítica relaciona-se às construções social e histórica do feminino e do masculino e das assimetrias que marcam as relações entre os sexos em nossa sociedade. [...] o conceito desnuda as desigualdades nas relações de poder, o que traz luz à situação e subordinação das mulheres, tanto na esfera pública quanto na privada.

Diante de toda a contextualização e dos fatos e argumentos citados acima, o documentário busca fazer o contrário do que tem acontecido em nossa realidade: valorizar a mulher, seu papel na sociedade e mostrar como jornalismo e a mídia podem contribuir nesse logo caminho que as mulheres ainda têm a percorrer em busca dos seus direitos e da igualdade de gênero.

### **2.3. As vertentes do feminismo**

Apesar de o movimento ter como objetivo principal a igualdade de gênero para as mulheres na sociedade, o feminismo se divide em algumas correntes de pensamento diferentes. Isso porque há recortes de realidade onde determinado grupo de mulheres se encaixa mais. Em alguns casos, as mulheres sofrem mais de um preconceito associado ao machismo. É o caso das mulheres negras, por exemplo. Ao mesmo tempo em que sofrem opressão pelo simples fato de serem mulheres, ainda precisam combater o racismo. A herança discriminatória relativa às mulheres, herdada do passado remoto, persistiu, assim como o racismo engendrado pela escravidão moderna (MELO, THOMÉ, 2018, p. 17). Por conta de somarem múltiplos preconceitos, o movimento foi se dividindo para atender as demandas das pessoas que são duplamente marginalizadas na sociedade. As vertentes atuais do feminismo são: feminismo liberal, feminismo radical, feminismo marxista, feminismo cultural, feminismo negro e o feminismo interseccional.



### 2.3.1. O feminismo liberal

A vertente liberal do feminismo teve origem no Iluminismo e considera que homens e mulheres são iguais e que ambos devem ter a mesma liberdade individual. Não há diferenciação de sexos aqui, apenas seres humanos com os mesmos direitos.

Ao contrário de outras formas de feminismo, o feminismo liberal é mais concentrado no indivíduo e em suas ações (menos baseado na ideia de grupo): homens e mulheres merecem direitos e oportunidade iguais, porque ambos são indivíduos. Os direitos devem ser, assim, concedidos a indivíduos, não a gêneros ou grupos. (MELO; THOMÉ, 2018, p. 21)

### 2.3.2. O feminismo radical

O feminismo radical nasceu nos EUA e acredita na constante opressão dos homens sobre as mulheres, na dominação masculina por meio de um sistema patriarcal. Isso se manifesta na economia, nas relações sociais e na política. É comum ver nessa corrente mulheres que não toleram os homens, pois os veem como rivais.

O feminismo radical cria uma teoria política e social da opressão das mulheres e busca olhar para as raízes dessa opressão exercida pelo sistema patriarcal. Conclui que as mulheres foram o primeiro grupo oprimido da sociedade humana e que esta opressão está presente em todas as sociedades humanas. O poder do patriarcado está na raiz da violência e do abuso sexual que ameaça as mulheres desde sempre. (MELO; THOMÉ, 2018. p 23)

### 2.3.3. O feminismo marxista

O feminismo nessa corrente veio da teoria da luta de classes de Marx. As mulheres adeptas dessa vertente acreditam que no meio dessa luta de classes, as mulheres saem ainda mais prejudicadas por conta do gênero no sistema capitalista.

Essas análises do modo de produção capitalista mostravam que o capitalismo é organizado de forma a favorecer o domínio dos homens sobre as mulheres. Logo, a emancipação das mulheres só poderá acontecer com a mudança nas relações de produção (...). Ao contrário das feministas radicais, que

veem o patriarcado como a fonte da desigualdade de gênero, as feministas marxistas afirmam que o capitalismo é a sua causa. (MELO; THOMÉ, 2018, p. 24 e 25).

#### 2.3.4. O feminismo cultural

O feminismo cultural acredita que a causa da dominação masculina sobre a mulher se deve ao fato de que culturalmente a mulher é aquela que reproduz, ao estigma da feminilidade, da pureza, e que isso são características que subjagam e objetifica as mulheres.

Recorrem à ideia de um essencialismo, ou seja, as mulheres, por serem voltadas para as questões da reprodução humana, acabam tendo características relacionadas a esse aspecto. Por exemplo, são mais dóceis e menos violentas. (...) Construir uma sociedade tolerante e diversa é a meta dessa corrente do feminismo contemporâneo. (MELO; THOMÉ, 2018, p. 25 e 27)

#### 2.3.5. O feminismo negro

O feminismo negro luta contra dois preconceitos, o machismo e o racismo. Parte da teoria de que as mulheres negras são mais discriminadas do que as mulheres brancas, por conta dos resquícios da escravidão, e pela própria submissão da mulher imposta pela sociedade em relação ao homem.

As denúncias das feministas negras dos anos 1970 e 1980 eram sobre a violência que se perpetrava contra as mulheres negras, uma vez que a cor acaba levando a um maior número de vítimas de violência: entre as mulheres mortas em situação de feminicídio, cerca de 60% são negras, isso porque também não contam com a assistência adequada das autoridades públicas. (MELO; THOMÉ, 2018, p. 30)

#### 2.3.6. O feminismo interseccional

O feminismo interseccional busca a igualdade entre as variações de raça, classe social e de gênero das mulheres. Por exemplo, essa vertente do feminismo luta pela mulher

que é deficiente, pela que é transexual e por todas as outras que não se encaixam no padrão de mulher branca, de classe alta e cisgênero. O feminismo interseccional luta pelo direito à diversidade.

Assim, desde os anos 1980, as feministas espalhadas pelo planeta vêm analisando como as experiências femininas com a desigualdade são uma face do racismo, do preconceito homofóbico (lesbofóbico), das diferentes classes sociais. Os papéis sociais de gênero são construídos socialmente e expressam a diversidade cultural e a história de diversos povos. (MELO; THOMÉ, 2018, p. 31).

### **2.3. Documentário**

O documentário é um filme não-ficcional que explora a realidade, mas com liberdade na forma como vai retratá-la e várias possibilidades na perspectiva utilizada para isso. Em seu livro “Introdução ao documentário”, Nichols (2016, p. 25), considera que documentários são “filmes que desafiam suposições e alteram percepções. Veem o mundo com novos olhos e maneiras inventivas”.

O que diferencia o documentário dos demais produtos é que nele se utiliza um ponto de vista único de quem o produziu, colocando ali a impressão que o autor tem do meio em que vive, assim como Nichols (2016, p. 96) diz que “a voz do documentário nos torna conscientes de que alguém está falando para nós de seu próprio ponto de vista sobre o mundo que temos em comum”.

A voz do documentário pode fazer alegações, propor perspectivas e evocar sentimentos. Os documentários procuram nos persuadir ou convencer pela força de seu ponto de vista e pelo poder de sua voz. A voz do documentário é a maneira especial de cada filme expressar sua maneira de ver o mundo. O mesmo assunto ou a mesma perspectiva sobre ele podem se expressos de maneiras diferentes. (NICHOLS, 2016, p. 86)

Considerando que o autor do documentário tem seu próprio olhar e sentido para contar os fatos, é possível utilizar dos recursos disponíveis para se expressar por meio do produto. A sequência de cenas do documentário, a posição das câmeras, a trilha branca, a

linguagem e a edição são elementos utilizados de forma que possam transmitir a ideia do autor/diretor do documentário à diante.

Ainda falando sobre documentário, há as formas de voz que podem ser utilizadas. Há o discurso direto em que algum ator social fala diretamente com a câmera e o discurso indireto onde não há contato explícito com o telespectador, o que é dito é para ser interpretado por quem assiste.

Discurso direto: fala com a câmera ou o público. Isso cria a sensação de que o filme está nos fazendo uma proposta sobre a natureza do mundo histórico – “As coisas são assim, não são? - ou mesmo sobre como elas poderiam ser modificadas – “As coisas poderiam ser assim, não poderiam?” (NICHOLS, 2016)

Discurso indireto: fala não dirigida ao público diretamente, como na ficção. No documentário, isso cria a sensação de que o filme está oferecendo uma perspectiva de aspectos característicos do mundo histórico. Oferece uma orientação menos patente do que ofereciam uma proposta ou um argumento, mas se assegura, ainda assim de nosso consentimento e envolvimento: “Esta é uma maneira de ver o mundo; e você, como o vê?” (NICHOLS, 2016)

A disposição, forma como são conduzidos o raciocínio e sequência do documentário, como já dito anteriormente, funciona como uma espécie de narração que conduz o telespectador e passa para ele a intenção do autor, assim como diz NICHOLS (2016, p. 101) “A disposição trata da organização das partes de um discurso retórico ou, no nosso caso, de um filme para obter seu efeito máximo”.

### **3. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA**

#### **3.1 Projeto**

O produto do trabalho de conclusão de curso é um vídeo, com o formato documentário, num modelo não ficcional, de linguagem indireta, que defende ou promove uma causa, no caso as lutas do feminismo, com estilo reflexivo que “ênfatiza provas e exemplos convincentes e comoventes e instiga a adoção de um ponto de vista específico” (NICHOLS, 2016, p. 160). Esse modo valoriza também a subjetividade das vivências dos personagens bem como a abordagem jornalística, com apuração sobre aspectos teóricos, entrevistas e dados reais. “Na melhor das hipóteses, o documentário reflexivo estimula no espectador uma forma mais elevada de consciência a respeito de sua relação com o documentário e com aquilo que ele representa” (NICHOLS, 2016, p. 204).

O documentário explica o que é o feminismo e discute as principais reivindicações do feminismo no Brasil hoje, que, consistem no direito ao aborto, no combate à violência doméstica, na busca pelas mesmas oportunidades de emprego, na quebra dos padrões irrealistas de beleza e fim do assédio. Foram colhidos depoimentos de pessoas que foram vítimas de algum tipo de violência de gênero, de pessoas públicas que lutam pelas causas feministas, como militantes e integrantes de ONGs e mulheres que ocupam cargo de poder. O objetivo principal do documentário é dar visibilidade à militância do feminismo e as lutas que mais são discutidas atualmente e ênfaticar a importância do feminismo no empoderamento da mulher.

A pesquisa das fontes a serem entrevistadas foi ainda em maio/2018 para a possível realização das mesmas e captação de imagens foi feita em setembro e outubro. Em outubro, foi feita a edição do material. A busca foi primeiramente por pessoas que já possuem engajamento no tema, como representantes do movimento feminista, representantes de ONGs que lutam pela causa, autoridades que lidam com processos relacionados ao tema, pessoas públicas que se consideram feministas.

Com base no item 2.3 do Referencial Teórico, o documentário tem um discurso direto, pois as fontes falam diretamente com o entrevistador, como em um depoimento. O

documentário intercala as entrevistas realizadas com imagens de apoio do Rio de Janeiro e São Paulo. Contém depoimentos de vítimas de abuso, mostrando cenas de apoio para o documentário, e mulheres que enfrentam obstáculos em todos os âmbitos por decorrentes do machismo. Explica o que é feminismo e como se dividem o movimento, com militantes, pessoas públicas e representantes do movimento. Nesse mesmo bloco terá a fala de especialistas, algum funcionário do governo que possa falar sobre políticas públicas voltadas para as mulheres, outro especialista que possa falar da Lei do Minuto Seguinte, que é pouco conhecida, que traga dados de como andam as denúncias e como o Poder Público tem lidado com esse cenário. O documentário finaliza com imagem de apoio da manifestação do #ELENÃO, já explicada anteriormente e tem o objetivo a reflexão e conscientizar as pessoas que estiverem assistindo.

## **3.2 Entrevistas**

Foram entrevistadas quatorze pessoas. Dessas, dez foram em São Paulo e quatro no Rio de Janeiro.

### **3.2.1 Entrevistas no Rio de Janeiro**

**Mônica Benício:** É arquiteta urbanista, militante feminista e LGBT. Veio de uma comunidade da capital carioca e era casada com Marielle Franco, vereadora que foi executada em março de 2018. Após o ocorrido, Mônica despertou o interesse da mídia e passou a viajar o Brasil e mundo afora para falar sobre sua militância e cobrar justiça para o assassinato de Marielle. A entrevista foi realizada em sua residência.

**Renata Rodrigues:** É jornalista, mas atualmente trabalha em um instituto de pesquisa no Rio, o Igarapé. Após passar por problemas pessoais, juntamente com uma amiga, há 4 anos, criou o bloco de carnaval feminista Mulheres Rodadas. O bloco protesta contra todas as violências de gênero que as mulheres enfrentam atualmente. A entrevista foi realizada em seu local de trabalho.

**Débora Thomé:** É jornalista, escritora e militante feminista. Estuda a mulher no poder e escreveu dois livros sobre o assunto, um para crianças e outro para adultos. “Mulheres e Poder” é um dos livros utilizados no Referencial Teórico deste trabalho. Débora é uma das fundadoras do bloco Mulheres Rodadas juntamente com Renata. A entrevista foi realizada em sua residência.

### 3.2.2 Entrevistas em São Paulo

**Lígia Baruch Figueiredo:** É doutora em psicologia clínica, feminista e escritora. Além de atender em seu consultório, estuda a interface Psicologia, relações contemporâneas e era digital. Escreveu e publicou o livro “TinderEllas”, sua tese de doutorado, que aborda o amor na era digital, o empoderamento da mulher e papéis de gênero. A entrevista foi realizada em seu consultório.

**Ana Letícia Absy:** É procuradora da República no MPF em São Paulo. Atualmente atua na área criminal no órgão, mas está sempre envolvida em ações que atuam no direito da mulher; neste momento está com uma ação que envolve assédio em avião. Além disso, é membro do Comitê interno de Equidade de Gênero do Ministério Público Federal. A entrevista foi realizada em seu gabinete.

**Pedro Machado:** Procurador da República no MPF em São Paulo, atua em Bauru e atualmente é procurador substituto da PRDC (Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão) localizada dentro da procuradoria da República em São Paulo. É autor do inquérito civil que investiga irregularidades dos atendimentos às vítimas de violência sexual no Sistema Único de Saúde e deu origem à campanha de amplo impacto nacional lançada pelo Ministério Público Federal sobre a Lei do Minuto Seguinte, que garante atendimento emergencial integral pelo SUS à essas vítimas. A entrevista foi realizada em seu gabinete na PRDC.

**Priscila Costa Schreiner:** É procuradora da República no MPF em São Paulo. Atua com ações que envolvem os direitos do cidadão, como no combate à pornografia infantil, cyberbullying, tráfico de pessoas e direitos da mulher. Também é responsável pelo caso envolvendo assédios em avião. É membro do Comitê interno de Equidade de

Gênero do Ministério Público Federal. A entrevista foi realizada no gabinete de sua colega de trabalho, Ana Letícia Absy.

**Soninha Francine:** Formada em cinema pela USP, foi apresentadora de TV e atualmente está exercendo seu segundo mandato de vereadora na Câmara Municipal de São Paulo pelo PPS. Foi secretária municipal de Assistência e Desenvolvimento na capital e percebeu que as mulheres vulneráveis não tinham seus direitos garantidos. Conhecida por algumas polêmicas na carreira, se considera feminista e luta pelos direitos das mulheres. A entrevista foi realizada em seu gabinete.

**Mariana Cordeiro:** Publicitária, é gerente de estratégia na ONG Think Olga, uma das mais conhecidas do país, e da Consultoria voltada para mulheres, a Think Eva. Desde que começou a integrar a equipe de trabalho, passou a ser militante feminista. A entrevista foi realizada no estúdio do laboratório de fotografia da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

**Ana Lúcia Keunecke:** Advogada formada pelo Mackenzie, pós graduada na FGV. Co-fundadora da ONG Artemis de Apoio às Mulheres, Cinematerna e membra da DeFEMde - Rede Feminista de Juristas

**Bárbara Braga:** Advogada. Recém formada em direito pela Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo.

**Amelinha Teles:** Jornalista, militante e presa política na Ditadura Militar.

**Sonia Borges:** Industriária aposentada



### 3.2.3 Fala-povo e imagens de apoio

Além das entrevistas previamente marcadas, outras foram realizadas na rua, durante a manifestação feminista #ELENÃO<sup>8</sup> que ocorreu no dia 29 de setembro de 2018 em São Paulo, no Largo da Batata, região Oeste da capital. O local concentrou uma multidão de pessoas, em sua maioria mulheres, para protestar contra Jair Bolsonaro, candidato à presidência, que frequentemente subjuga as mulheres em suas declarações públicas. Imagens de apoio foram gravadas em São Paulo, na avenida Paulista e da cidade do Rio de Janeiro, onde algumas das fontes residem. Foram gravadas também imagens de apoio do Centro de Acolhida Especial para Mulheres da prefeitura de São Paulo, localizado na avenida Brigadeiro Luís Antônio, nº 1645, que abriga vítimas de violência doméstica.

---

<sup>8</sup> #ELENÃO foi um movimento que começou na internet após o candidato à presidência Jair Bolsonaro proferir discursos machistas em redes sociais e em rede nacional. Em rejeição à eleição do candidato, houve uma manifestação no Brasil inteiro contra Bolsonaro que foi apelidada de #ELENÃO.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de conclusão de curso atende a expectativa inicial de mostrar, com uma abordagem sensível, o que é feminismo e dar visibilidade às causas do movimento. Além de dar espaço para mulheres de diferentes contextos sociais manifestarem suas inquietações, pensamentos e conhecimentos a respeito do feminismo, de acordo com suas perspectivas pessoais e profissionais – levando em conta também o cenário vulnerável em que as mulheres se encontram no Brasil com tantos casos de feminicídio e violência de gênero – o documentário busca levar o telespectador a uma reflexão sobre as opressões que as mulheres vivem em nossa sociedade.

Uma dessas opressões é o machismo, que mantém os homens no poder, subjuga mulheres e diminui a participação delas na tomada de decisões. O processo de busca das fontes foi difícil e não foi possível entrevistar todas as pessoas com as quais eu gostaria de conversar, mas que não puderam devido a imprevistos e agenda totalmente ocupada. No entanto, consegui entrevistar uma das autoras que utilizei no embasamento teórico do trabalho, o que foi muito significativo para a construção do raciocínio. Uma das pretensões era entrevistar mulheres em situação de vulnerabilidade que atualmente contam com os serviços de atendimento e suporte às mulheres pela prefeitura de São Paulo.

poder entrevistar as usuárias dos centros de acolhida e convivência. A intenção era saber o que as levou a procurar o serviço, se o atendimento era satisfatório e como era a rotina no local, onde eu fazia as imagens de apoio. Durante praticamente todas as filmagens, operei duas câmeras DSLR<sup>9</sup> sozinha enquanto gravava com a fonte, o que tornou a preparação para as gravações mais difícil e comprometeu um pouco o conteúdo, pois durante as entrevistas eu precisava estar atenta aos detalhes técnicos para não correr o risco de perder áudio, nem o foco dos vídeos, entre outras questões técnicas. Com a realização das entrevistas, a ideia inicial do documentário foi mudando um pouco, o que era esperado. Mas acredito que a metodologia usada no documentário foi a melhor opção, e acredito que o documentário, dentro do possível, é fiel à proposta inicial.

---

<sup>9</sup> Sigla em inglês para "câmera digital de reflexo por uma lente".

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos Todos Feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 63 p. Tradução de: Christina Baum.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. 339 p. Tradução de: Sérgio Milliet.

BENNETT, Jessica. **Clube da Luta Feminista: Um manual de sobrevivência** (para um ambiente de trabalho machista). Rio de Janeiro: Rocco, 2018. 335 p. Tradução de: Simone Campos.

CLARA AVERBUCK. Revista Carta Capital. **Feminismo para leigos**. 2015. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/feminismo-pra-que/feminismo-para-leigos-3523.html>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

COMPROMISSO E ATITUDE (Distrito Federal). Secretaria de Políticas Para As Mulheres da Presidência da República e Ministério da Justiça. **Lei Maria da Penha, a lei é mais forte: Sobre a violência sexual**. 2018. Disponível em: <<http://www.compromissoeatitude.org.br/secao-violencia-sexual/>>. Acesso em: 05 maio 2018.

IPea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) - **Atlas da Violência 2018**.

Disponível em:

<[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/180604\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2018.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf)> Acesso em: 05 set. 2018.

ISABELA MOREIRA. Revista Galileu. **6 coisas que você precisa entender sobre a cultura do estupro: Estudos, dados e especialistas mostram que o fenômeno é enraizado na nossa sociedade**. 2016. Disponível em:

<<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/06/6-coisas-que-voce-precisa-entender-sobre-cultura-do-estupro.html>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

MELO, Hildete Pereira de; THOMÉ, Débora. **Mulheres e Poder: Histórias, ideias e indicadores**. Rio de Janeiro: FGV, 2018. 192 p.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário: Nova Edição**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2016. 335 p.

Organização das Nações Unidas no Brasil. **Taxa de feminicídios no Brasil é quinta maior do mundo; diretrizes nacionais buscam solução**. 2016. Disponível em:

<<https://nacoesunidas.org/onu-feminicidio-brasil-quinto-maior-mundo-diretrizes-nacionais-buscam-solucao/>>. Acesso em: 05 maio 2018.

RIBEIRO, Amarolina. **O que é feminismo?** Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/o-que-e-feminismo.htm>>. Acesso em: 26 mar. 2018.

## **6. APÊNDICES**

### **6.1 Autorizações para uso de imagem e voz**